

A arte da imortalidade

Este ano um holograma de Amy Winehouse percorrerá as salas de espetáculo de todo o mundo. Em breve, outros a seguirão. Conheça os truques por trás dos concertos de hologramas e saiba o que músicos, produtores, advogados e fãs pensam desta nova área do *show business*.

Texto CARLOS MARTINHO

Quando, em 1991, Brian May, guitarrista e compositor dos Queen, escreveu a música *The Show Must Go On*, ("O espetáculo tem de continuar", em português), estaria longe de imaginar que, 30 anos depois, muitos dos seus ídolos musicais regressariam aos palcos, prolongando no tempo a sua imortalidade. Roy Orbison e Maria Callas, cujas vozes se apagaram há 31 e 42 anos, respetivamente, são os dois primeiros artistas com a imagem projetada, em holograma, nos palcos mundiais. Amy Winehouse, que morreu em 2011, será a terceira aposta da Base Hologram, empresa norte-americana responsável por dar vida a artistas já desaparecidos.

"Os hologramas são o passo natural no entretenimento ao vivo. Existe um interesse cada vez maior na realidade virtual, realidade aumentada e tecnologia holográfica, por isso decidimos criar algo único, inovador e divertido", explicou à Revista *Montepio* Brian Becker, *chairman* e CEO da Base Hologram.





À voz de Maria Callas, conhecida por La Divina, regressou este ano às mais icónicas salas de espetáculos do mundo

Em 2018, os hologramas de Roy Orbison e Maria Callas chegaram a 44 salas de espetáculos de 11 países. Em 2019 estão previstos mais concertos e Portugal está na lista de países a visitar. “Estamos a preparar as digressões de 2019 e Portugal está no nosso radar. Apenas depende da logística e se os calendários erotas da digressão se enquadram com a programação das salas e teatros locais. Queremos levar a música destas superestrelas a todos os locais do globo”, explica, por sua vez, Marty Tudor, CEO de produção da empresa norte-americana.

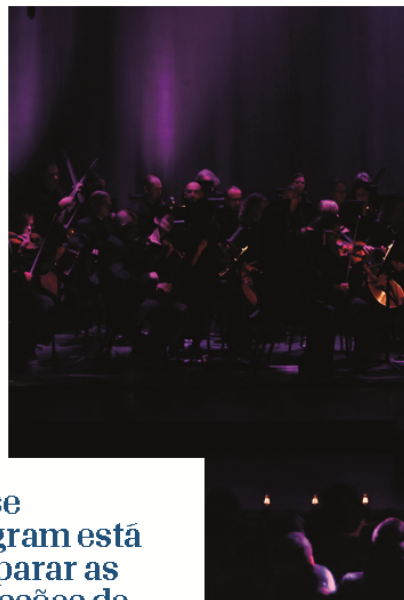
Como funciona a tecnologia?

Para começar a trabalhar num holograma do artista, a Base Hologram tem de obter a autorização da família - ou de outra entidade - para ceder os direitos de imagem. Segue-se uma panóplia de fases ligadas à tecnologia de ponta, áudio e vídeo, que dão vida ao artista. Para desenvolver o holograma de Amy Winehouse, a Base Hologram contratou uma atriz com parecenças físicas



Concerto Interminável

Durante uma viagem pelo estado do Oregon, Estados Unidos, um jovem casal perde-se e acaba por descobrir a cidade idílica de Rock and Roll Heaven. No entanto, cedo percebe que existem algumas caras conhecidas nas ruas: Jim Morrison, Roy Orbison, Buddy Holly, Janis Joplin, Elvis ou John Lennon. É assim que começa o conto *You Know You Got a Hell of a Band*, adaptado para televisão em 2006, no qual o mestre do fantástico Stephen King monta uma teia surrealista que culmina num concerto interminável. Em 1992, ainda os artistas holográficos eram uma miragem, King abordava o fascínio mórbido da sociedade pelos artistas desaparecidos precocemente. Um fascínio que cresceu com a democratização do acesso à Internet e que levará, em breve, à massificação dos concertos holográficos.



A Base Hologram está a preparar as digressões de 2019 e Portugal está na lista de países a visitar

Roy Orbison foi a primeira rock star imortalizada em holograma. Será uma tendência ou uma moda temporária?

e que, com base em vídeos da cantora, recriou os seus movimentos com um fato especial. “O duplo trabalha com o nosso diretor para coreografar as atuações do artista. Pegamos no resultado destas sessões e trabalhamo-lo digitalmente, em muitos casos com versões remasterizadas das canções”, avança Marty Tudor.

Seguiu-se a recriação digital da face de Amy, um processo pouco complexo para a tecnologia já existente. “A tecnologia evoluiu tanto que a nossa equipa pode, pela primeira vez, retirar a voz das gravações e separar as partes orquestrais e até de outros cantores que tenham participado na canção”, acrescenta Tudor. Na última fase, a equipa da Base Hologram casa o áudio com o digital, com a projeção de imagens laser e as técnicas CGI



(Imagens Geradas por Computador). É um processo muito intenso e elaborado, no qual o computador tem um papel essencial.

No dia do espetáculo, um projetor 4K com laser superpotente traz ao público a melhor qualidade de imagem da atualidade. A técnica é igual, por exemplo, à que colocou a atriz Carrie Fischer no filme *Star Wars*.

“O meu pai está aqui”

Em 2012, durante um concerto de Snoop Dogg e Dr. Dre no festival Coachella, Estados Unidos, todos ficaram de boca aberta quando, em palco, apareceu um holograma do *rapper* Tupac, falecido 16 anos antes. A tecnologia então utilizada ainda não era holográfica mas o concerto chamou à atenção de vários produtores, sedentos de novidades para apresentar ao público. Marty Tudor era um deles. “Estes espetáculos preservam o legado destes músicos

únicos e dão aos fãs a oportunidade de os verem atuar. Para muitos deles, pela primeira vez”, explica o CEO da Base Hologram. A empresa norte-americana tem uma “relação muito profunda” com todos os herdeiros. Marty costuma contar, inclusive, a reação emotiva de Alex Orbison quando viu o holograma do seu pai pela primeira vez. “Ele está aqui. O meu pai está aqui.”

Mas nem todos são fãs desta tecnologia. “Não me vejo inclinado para ver estes concertos”, explica Álvaro Graça, que vai regularmente a espetáculos e é presença habitual em dezenas de festivais de música por ano. “Já nos regressos das bandas estou de pé atrás... neste caso ainda é mais duvidoso.” Se o holograma fizer um dueto durante uma música, o caso muda de figura. “Se for uma homenagem, já será mais engraçado”, acrescenta.

De acordo com José Barreiro, diretor do NOS Primavera Sound, os hologramas não substituirão os artistas deste festival. “Estarei sempre aberto à possibilidade de utilização de hologramas nos concertos de outros artistas mas como complemento do espetáculo. Como substituto do artista, não”, revela. “O NOS Primavera Sound tem uma questão filosófica que impede um artista em holograma, falecido ou não, de atuar”, conclui o responsável.

E é legal?

É inevitável: os concertos de hologramas serão uma realidade em Portugal, assim exista interesse das produtoras e do público. Segundo Eduardo Simões, diretor jurídico da GDA (Gestão dos Direitos dos Artistas), a partir do momen-

to em que os familiares de Roy Orbison, Maria Callas ou Amy Winehouse cederam os direitos de imagem destes artistas à Base Hologram apenas questões financeiras facilmente contornáveis poderão impedir a realização dos concertos. “Em Portugal existe sempre o pagamento de *royalties* de licenciamento ao titular dos direitos de autor ou obra musical. Tirando isto, não há obstáculos de maior”, explica o jurista. Estes *royalties*, na verdade, representam quantias muito pequenas tendo

Há público para os hologramas?


No mundo do espetáculo a palavra final pertence ao público. Os concertos de hologramas não fugirão à regra. “Será o público a decidir se gosta ou não. É mais um tipo de entretenimento”, garante José Barreiro. O diretor do NOS Primavera Sound não quer fazer futurologia mas admite que as produtoras norte-americanas “estão a colocar muito dinheiro nesta tecnologia”. “Eu jamais iria a um concerto destes, é mórbido. Mas o público responderá. Acho que será efêmero e, quando se banalizar, não antevejo grande sucesso aos hologramas.” Apesar do ceticismo, Álvaro

Graça acredita que “no início, pela curiosidade e novidade”, os hologramas atraiam “algum público”. No entanto, talvez o local mais apropriado. “É mais encenado, já dá para outro tipo de espetáculo que não um concerto pop ou rock. Por outro lado, Roy Orbison é fácil de replicar, mas outros artistas são mais complicados”, revela. Nirvana, Bob Marley, Elvis, The Doors ou Queen estão entre os nomes que Álvaro acredita terem maior probabilidade de sucesso holográfico. É uma questão de tempo, provavelmente, até que eles invadam os palcos nacionais.

“Não me vejo inclinado para ver estes concertos. Se for uma homenagem, já será mais engraçado”

Álvaro Graça
Melómano



CLIPPING MIRANDA				 Miranda & Associados Sociedade de Advogados, SP, RL
MEIO	Revista Montepio			
Nº PAG.	5	DATA	fevereiro de 2019	

em conta o investimento que empresas como a Base Hologram estão a dedicar a esta nova área de entretenimento.

E podemos ter em breve, em palco, o holograma de um músico português já falecido? “É possível, sim, mas precisa sempre do consentimento da família, independentemente do licenciamento”, explica, por sua vez, Lídia Neves, advogada e agente oficial de propriedade intelectual da Miranda & Associados. “A imagem é o elemento essencial [desta nova área]. Tudo pode ser contornável, menos a imagem”, refere. E ao contrário dos direitos de autor, que podem estar distribuídos por diferentes *players* do mercado do entretenimento, os direitos de imagem transitam para os herdeiros do músico. Neste caso, são eles que têm a palavra final no regresso aos palcos. Inclusive, admitem os dois juristas, se o artista deixar em testamento a vontade de não ser retratado após a morte. “É possível fazer um testamento a recusar ser holograma, mas na prática é difícil que isso aconteça”, sugere Eduardo Simões. Os herdeiros, também nesta situação, podem ter uma palavra final. “Os UHF em holograma? Os meus filhos que decidam (risos)”, graceja António Manuel Ribeiro. O vocalista dos UHF acertou em cheio. Mesmo que mude de ideias, dificilmente contrariará a vontade dos descendentes.

Valerá mesmo tudo? *The Show Must Go On*, um hino claustrofóbico que fala da vontade de Freddie Mercury em continuar a cantar apesar da luta contra uma doença incapacitante e terminal, ultrapassou as fronteiras dos Queen. É um *slogan* do mundo do espetáculo, uma indústria sempre à procura de inovações capazes de emocionar uma audiência insaciável e que, em Portugal, esgota concertos e festivais em poucas horas. Mas estaremos preparados para invadir a fronteira psicológica do ressuscitamento musical?



O pop rock criou uma enzima para a longevidade

Vinte álbuns, 1,5 milhões de discos vendidos e 1750 concertos. Os números dos UHF refletem uma carreira de sucesso mas também a longevidade e criatividade de António Manuel Ribeiro, líder carismático da banda.

fotografia ARTUR

Os UHF são uma das mais importantes e influentes bandas portuguesas. A que se deve a sua longevidade?

A criação musical tornou-se a minha vida e, por enquanto, está inacabada. É um ato contínuo. Não me fecho para escrever canções nem penso muito nisso, mas vou escrevendo canções.

Existe a sensação de que as bandas com mais anos de estrada limitam-se a tocar os êxitos antigos, o que não acontece com os UHF, que sempre escreveram músicas novas. A renovação etária dos membros da banda contribuiu para isso? Nós continuámos a escrever canções importantes... há um binómio que define os UHF, além da qualidade do grupo: as canções que fizemos tornaram-se hinos das pessoas. Sem canções importantes e sem fãs, sem público, ninguém resiste.

Os Rolling Stones foram fundados 16 anos antes dos UHF. É sinal de que ainda existem muitas canções, muitos concertos dentro dos UHF?

São bons exemplos de que a música pop rock criou uma espécie de enzima para a longevidade. Parece-me que muita desta malta, incluindo nós, tocámos mal no tempo certo, ou seja, cometemos exageros, muitos deles relacionados com a descoberta da vida. O camarim, o depois do camarim.... tudo isto são descobertas e tudo isto foi-me oferecido pela música.

Muitos dos grandes álbuns da música portuguesa foram feitos entre 1978 e 1986. As bandas da época sabiam que estavam a criar álbuns históricos? Nunca pensei que a minha vida musical durasse tanto tempo. Tudo isto foi

conquistado. O que queria, na altura, era fazer um novo espetáculo, gravar um disco, escrever canções que nos emocionassem. Isto foi tudo feito passo a passo.

Durante esta viagem de 40 anos alguma vez pensou deixar a música?

Sim. Em 1980, quando me tornei profissional, as coisas correram muito bem mas mais tarde houve problemas graves nos UHF, quando a primeira formação se desfez e fui buscar alguns músicos jovens que estavam num comprimento de onda diferente do meu. Nessa altura pensei fazer outras coisas. Andei pela política e a política esteve quase a levar-me.

Os primeiros anos foram os mais profícuos dos UHF?

Sempre se fizeram boas coisas. É claro que no início do movimento há sempre um espanto acerca do que está a acontecer. O álbum *À Flor da Pele* (1981) é fantástico. O *Persona Non Grata* (1982) é um disco de rock duro, duríssimo, que representa a transferência dos UHF da Valentim de Carvalho para a Rádio Triunfo. Nós exigimos a quebra de contrato, por isso esse álbum reflete o verão quente – eu chamo-lhe o PREC dos UHF. Mas temos feito discos muito conscientes, muito bem gravados e com grandes canções, como o *Porquê* (2010) e *A Minha Geração* (2013). São álbuns muito bons, quase perfeitos.

Quantas canções compôs até hoje? Tenho 360 canções registadas na Sociedade Portuguesa de Autores mas existem mais. Andarei perto das 400 canções.

As canções mais perfeitas são as que surgem de um rasgo de inspiração ou as mais trabalhadas?

A inspiração é um estado de espírito fantástico e as canções perfeitas surgem quando tocamos o divino. Não é quando queremos, é quando aparece.

As bandas têm prazo de validade, ou seja, os primeiros trabalhos tendem a ser melhores, ou ter mais energia, que os últimos?

Na música rock, os primeiros trabalhos podem ser mais crus, mais diretos.

E depois aprendemos o trabalho de estúdio e a fazer melhor as coisas. Por vezes colocamos demasiados instrumentos numa canção porque achamos que assim ela fica mais rica e, ao crescermos, percebemos que temos de os tirar.

Se calhar o público quer uma coisa mais espontânea.

A certa altura o produtor tem de meter ordem na casa e saber dizer "não".

Há uma grande frase do José Manuel Fortes, um técnico com quem aprendi muito, que diz tudo: "Quando achas que falta alguma coisa lá é porque já está lá alguma coisa a mais."

Ainda se sente nervoso antes de entrar em palco?

Não. Durante muitos anos, o camarim era uma câmara de terror da Idade Média. Era um momento muito difícil, mas depois subia ao palco e aquilo acabava. Se havia um atraso na entrada era dramático. No primeiro espetáculo internacional que fizemos, com Dr. Feelgood (em 1979, no Dramático de Cascais), lembro-me de apenas ter comido pão seco e água natural. O meu estômago não aguentava mais nada.

O palco enfeitiça? Sente falta dele quando existe um hiato entre concertos?

O palco é uma plataforma curiosa. Enfeitiça, sim. E há momentos em que o público nos conduz. E depois há o vazio, que é o fim do palco. Fechou. Ninguém traz o palco no bolso, nem as palmas, nem a glória no bolso. A glória da música é muito efémera, no dia seguinte temos de fazer tudo de novo.

Está a comemorar os 40 anos em palco. Não será fácil fazer um alinhamento com base neste período tão vasto.

É complicado e haverá sempre alguém a dizer que falta esta ou aquela canção. Isso é normal. Temos 352 canções gravadas e o alinhamento não terá mais de 25, 27 canções, já com o encaixe incluído. Nem chega aos 10%.

Como vê o apoio da Associação Mutualista Montepio à cultura?

Finalmente existe uma entidade que tem apoiado a cultura e a música portuguesa nas suas várias vertentes de estilos. Normalmente ninguém nos liga. O facto de a AMM nos ajudar a comemorar os 40 anos enche-nos de uma secreta alegria – poderemos participar e ajudar.

➡ Quarenta anos após o lançamento de *Cavalos de Corrida*, António Manuel Ribeiro afirma que a história dos UHF ainda está inacabada

Dinossauros da música: Atuais vs futuros

Fundados em 1978, UHF e Xutos & Pontapés são os dois dinossauros da música portuguesa, bandas que se eternizam em palco. Conheça alguns dos dinossauros internacionais e as bandas que poderão sê-lo em breve.

Atuais dinossauros

Rolling Stones (1962)
Bob Dylan (1965)
Fleetwood Mac (1967)
Bruce Springsteen (1969)
Aerosmith (1971)
AC/DC (1973)
Iron Maiden (1975)
U2 (1976)
The Cure (1976)
Metallica (1981)

Futuros dinossauros

Radiohead (1985)
Guns N' Roses (1985)
Pixies (1986)
The Smashing Pumpkins (1988)
Nine Inch Nails (1988)
Beck (1989)
Pearl Jam (1990)
Muse (1994)
Foo Fighters (1994)
The National (1999)

* ano em que iniciaram a carreira

Acha que Portugal – as instituições, as editoras, os fãs – fizeram jus ao percurso de inovação dos UHF?

Fazem, mas sempre com alguma ressalva. É sempre muito difícil ser-se pioneiro e estar-se um bocadinho à frente.

A canção *Cavalos de Corrida* inventa um movimento musical e não tenho vergonha em dizê-lo, porque é verdade. Eu vejo miúdos de 15 anos a quererem cantar esta música. No meu tempo isso não existia, eu não queria saber dos cantores do meu pai, do Mario Lanza, por exemplo. Os fãs estão conosco.

